

A POESIA DE ANTÓNIO MONGINHO
OU
A DURA CIÊNCIA DA ESPERA

“Esperar por ti é uma dura ciência”.
António Monginho

Vai ler-se um sintético relatório da travessia do universo poético de António Monginho, tal como ele existe em «Das Sete Cidades», a obra agora reeditada.

Não constitui, pois, um estudo da *formação* e *consolidação* desse universo. Para isso, era necessário percorrer com vagar as zonas autónomas desse universo, a saber, as obras que o poeta publicou: «Das Sete Cidades» e «Entre o Vento e o Orvalho» (1980), «Tudo o que me Dói» (1981), «As Palavras Antropófagas» (1987), «O Rio à Beira de um Homem (1991) e «A Sombra e o Desejo» (1995).

A prevenção é necessária. Basta folhear sem excessiva desatenção os dois primeiros livros e anotar o modo como os seus poemas reaparecem

em «Das Sete Cidades» (publicado em 2006 e agora reeditado) para concluir que esta obra não é a *poesia toda* de António Monginho nem uma *antologia* no sentido vulgar da palavra: constitui antes a *estabilização* de um itinerário e de um universo.

Um exemplo é suficiente para explicitar o que pretendo dizer.

Os dois livros que António Monginho publicou em 1980 são claramente afins. Mas para além de afinidades “exteriores” (gráficas, visuais), há elementos que discretamente sugerem serem dois momentos de *um mesmo ciclo*. A primazia de «Das Sete Cidades» poderá concluir-se da dedicatória: “Para a minha mulher/para a minha filha/A todos os amigos que me ajudaram/a editar este livro o meu muito obrigado”. A dedicatória de «Entre o Vento e o Orvalho» *prolonga e completa* a dedicatória anterior: “À memória dos meus pais e dos meus sogros e também dos malogrados amigos de Faro,/António Augusto do Nascimento/e/Manuel José Góis”. A Família e a Amizade dileta foram *instituídas* em destinatárias privilegiadas.

Porém, ao reaparecerem em «Das Sete Cidades» (2006), os poemas publicados nas duas referidas obras são ordenados de um modo que transforma, amplia e enriquece o sentido da edição primeira.

Em 2006, ao poema homónimo, “Das Sete Cidades”, colocado como abertura seguem-se três ciclos – um, constituído por “Primeira Cidade”, “Segunda Cidade”, “Terceira Cidade” e “Quarta Cidade”, outro intitulado “Alentejo” (quatro poemas) e o terceiro intitulado “Algarve” (três poemas) – estabelecendo uma sequência que enriquece, no sentido de tornar perceptível o que, na dispersão anterior, passaria despercebido, porque as quatro “Cidades” apareceram em «Das Sete Cidades» e os sete poemas de “Alentejo” e “Algarve” em «Entre o Vento e o Orvalho». Assim, é sob uma macro-referência (“Cidade”) (só) agora unificada (mas que será multiplamente visada, pressuposta ou experienciada ao longo da obra) que o leitor entra no universo poético de António Monginho.

Em suma: «Das Sete Cidades» apresenta o *concentrado* de uma poética no sentido em que os textos anteriormente publicados são agora trazidos a um mesmo presente de leitura para se tornarem, aí, em formulação austera, os elementos ativos de uma condição poética. “Austeridade” designa globalmente a transformação por que passaram as primitivas versões dos textos: exclusão dos títulos dos poemas (excepção: “As palavras antropófagas”, uma das mais explícitas aflorações da discreta empatia surrealista), apagamento de

dedicatórias, revisão dos textos em regime de despojamento.^[1]

A escassez de informação contextual relativa ao poeta e à recepção da sua obra reforça a exigência de percorrê-la em si e por si mesma, na sua autonomia, numa *determinada* auto-suficiência que considere o texto em expansão para – ou a partir de – o interior de si próprio. O leitor deve obedecer a uma prevenção preciosa:

Atenção às palavras
nenhuma escrita é inocente
a tinta afoga os olhos
as letras magoam

largai das vossas mãos os
pensamentos rápidos
sujeitai-vos à velocidade
da escrita
Tudo é fogo ou gelo

[1] Não se trata, aqui, de preludiar qualquer edição crítica ou erudita: limito-me a registar que o poema “Quarta Cidade”, incluído na edição primitiva de «Das Sete Cidades» foi reutilizado em «O Rio à Beira de Um Homem», com o título “Margem a Sul” e figura, claro, na atual edição de «Das Sete Cidades». Merece referência a importância do poema em qualquer um destes contextos.

É, pois, na iminência do *desastre* e da *ferida* que deve fazer-se a leitura desta poesia desassossegada.

1.

Ponto de partida. – Seja a seguinte estrofe o ponto de partida deste “relatório” de leitura:

Menino e moço me roubaram
Da casa dos meus pais. Para
As fábricas e oficinas me
Levaram.

O objetivo não é sugerir uma tonalidade autobiográfica em que o “eu” do poema conduzisse ao “eu” do poeta, o qual, por sua vez, coincidiria com o Autor.

Trata-se de aproveitar, sem aprofundá-la, uma referência histórico-cultural e encontrar aí, na trama textual e não na relação empírica, um elemento da formação do espaço poético que se trata de percorrer.

A referência histórico-literária (um dos elos “das mil leituras”, já identificado por José Manuel Mendes) é óbvia. Mas mais sugestivo do que registrar a recepção da famosa abertura de «Menina e Moça» (“Menina e moça me levaram de casa de

meus pais...") é extrair do reconhecimento do *desvio* (António Monginho cita mas transforma) um dos elementos constituintes do espaço poético de António Monginho.

Trata-se, aqui, de um "roubo". Diria que a *cena primitiva* em que se forma este universo poético é o "roubo" (mais forte, outra coisa que o "levaram" de Bernardim) e uma *determinada* destinação social. As consequências são múltiplas:

Agora
nas terras do exílio
passeio o meu orgulho.
O meu coração não entristece
(...)
Mas não me venham falar da
Pátria nem da infância

Que eu nasço em qualquer
parte todos os dias"

Nesta experiência, que é simultaneamente roubo, rutura, exílio, estranhamento, naufrágio, peregrinação, em sentidos reais e metafóricos, formaram-se grandes coordenadas.

2.

O lugar/A viagem. – Parecerá contraditório conjugar num mesmo tópico o “lugar” e a “viagem”. Mas, de acordo com a sugestão da *cena primitiva*, não é. “Lugar” e “viagem” são coordenadas correlativas porque houve uma definitiva despedida de Origem. É em *figuras parciais* de familiaridade, de proximidade e de encontro que está delegada, como veremos um pouco mais à frente, a importância do Tu.

Por agora, trata-se de sublinhar: neste universo, a viagem não é só a ligação entre lugares mas é, ela própria, um lugar – singular, com a instabilidade própria de quem está (ou melhor: de quem é) *em trânsito*.

A viagem é obrigação e rotina (“todas as manhãs/retomo penosamente esta/viagem”) e, ao mesmo tempo, novidade substancial (“Jamais regresso às mesmas imagens/Nos meus rios não passam duas águas”).

O lugar não pode, assim, tomar-se exclusivamente em sentido “geográfico”. Há, sem dúvida, neste universo, uma “geografia afetiva”: Lisboa, Faro, Sintra, Évora, Alentejo, Algarve. Mas nesta geografia há proximidades afetivas porque lhe está (ou lhe é) imanente uma condição antropológica, ou mesmo ontológica:

Peregrino nas cidades sou
corpo em ascensão melancólica
– Prometido à morte e sem
esperança de regresso

Ocorre neste fragmento uma situação frequente na poesia de António Monginho: concentrar um sentido universal em poucos versos ou em breves poemas. Aqui, é expressiva a caraterização de “peregrino” cuja importância geral já foi apontada) como um determinado movimento, o do “corpo *em ascensão*” [sublinho] e a sua qualificação, “melancólica”. Do mesmo modo que o “sem/ esperança de regresso” é uma enunciação existencial coextensiva a toda a obra poética.

É a imanência da dimensão onto-antropológica que transfigura a referência geográfica e institui o lugar. Para desenhar o campo semântico de “lugar” seria indispensável percorrer integralmente a obra. Mas é num dos (agora) primeiros textos, e não por acaso num poema do ciclo de “Cidades” que se lê: “Já estava escrito/ou fui eu que me perdi/no dédalo das dúvidas/intranquilo e aflito?//O lugar é o segredo”. Direi: “o lugar é o segredo” é a caraterização mais geral de “lugar”. É que, se “há um lugar algures/onde cabemos” (é uma afirmação) e se “um dia virás” (outra afirma-

ção), é pela dimensão acontecimental – não prevista nem previsível – que o lugar se apresenta: o lugar é o espaço do Acontecimento que só se descobre no que pode entender-se como “segredo”; a intempestividade do Acontecimento transfigura um determinado espaço geográfico como *lugar*.

3.

As palavras. – Esta poesia é escrita para que um desencontro *essencial* não seja perdição. Podemos regressar ao fragmento agora mesmo citado e soletrá-lo de um outro ângulo: “Já estava escrito/ou fui eu que me perdi//intranquilo”. Entre a dúvida sobre a *determinação* da perdição e o *facto* da perdição, “perdida bússola e sextante”, é preciso “acordar a memória/das palavras sepultadas”. As palavras são “fósseis” que é preciso “aspirar” “de camadas profundas”. O poeta escreveu mesmo, num poema em que não posso demorar-me como gostaria: “Tudo quanto sei *está* no âmago das palavras” [itálico meu]; e logo a seguir no mesmo poema, num desses desvios já referidos, “Tudo quanto sei *foi-me dado* pelas palavras” [itálico meu]. Percebemos o desvio, a oscilação, a variação: entre “estar” e “ser-me dado”.

A *iminência*, a *chegada* de uma palavra nova é uma explosão.

Perdi a verdade. Quase
sempre. Outros se
asseguraram dela
Eu não.

....

Levo o meu rosto a todas as
fronteiras.

Não tenho de meu nem a roupa
do meu corpo

Mas dai-me uma palavra nova
e explodirá a febre e a
complacência dos meus dias

Na medida do possível, as palavras cristalizam, transmitem e ordenam o *desassossego* deste universo poético: “por sinal minha/faço todos os percursos/ ao contrário/e chego sempre quando os/outros partem”; “eu sou o ausente” ou, numa outra dessas pequenas mais decisivas variações, “Estou e ausento-me”; “Sou só sombra e desejo”; “Ah! Esta consciência de chegar/tarde às coisas, Esta/consciência das coisas tarde/acontecerem em mim”.

Num belíssimo poema que apetecia desfiar, “Os rapazes do meu tempo morreram”, António Monginho explora esse desassossego, sempre no

registro do *desvio* e agora no âmbito do tempo: “Os rapazes do meu tempo morreram/todos. Só que alguns ainda não/sabem”. E depois (desvio/variação): “Os rapazes do meu tempo/os rapazes de/todos os tempos/morreram cedo. Puseram tanta força/em ser adultos que não aguentaram/o peso da idade//Por tudo isto é que eu sempre me/recusarei a crescer”. É um fragmento que faz sentido aproximar deste, de um outro poema: “Que eu da vida/não me canso/O que me cansa/é não ter nascido”. Aqui, como noutros passos análogos, o leitor pressente uma ressonância da montagem, no sentido cinematográfico.

Estas citações permitem valorizar uma zona do trabalho poético de António Monginho: uma apurada consciência oficinal, a noção de que a intransitividade da palavra poética é uma questão decisiva, a convicção de que é na escrita, em particular na ocupação da página e no alinhamento do verso e da estrofe que a poesia se ganha ou perde *como poesia*.

O poema agora mesmo citado é bom exemplo: “Os rapazes do meu tempo morreram/todos. Só que alguns ainda não/sabem”. O modo como António Monginho organiza os três versos amplia, pluraliza o sentido de cada um deles, gerando uma ressonância enriquecedora.

Num poema já referido, a operação é talvez mais austera: “Perdi a verdade. Quase/sempre. Outros se/asseguraram dela”. Basta cortar o enunciado e separar “quase” e “sempre” para suscitar surpresa. António Monginho controla com segurança mas sempre discretamente o processo de alargamento de sentidos possíveis.

Um outro exemplo, de maiores implicações, é o seguinte poema:

Ao princípio era o verbo
e as palavras ficaram

Os homens conheceram então
o silêncio das coisas

Do mistério das noites
teceram uma história

contaram-na

e sentiram-se mais felizes

É um outro exemplo muito óbvio de intertextualidade. António Monginho cita (ou reproduz, dada a generalizada disseminação do texto ou da expressão) o início do «Evangelho segundo João»:

“No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo”.^[2] Cita para *desviar* o sentido bíblico (mas conservar ao mesmo tempo a importância cultural da referência) e desenvolver uma noção antropológica. Ao proceder à distinção entre “o verbo” e “as palavras”, António Monginho considera “as palavras” o que ficou de uma origem (o “princípio”): remota, inacessível, mítica. Foi com essas palavras (o que ficou) que os indivíduos se sentiram mais felizes.

4.

Tu. – Um poema estabelece a relação entre as histórias (as lendas) e uma entidade omnipresente, obsessiva e obsidiante que percorre a obra em todos os sentidos. Essa entidade é: Tu. Lê-se: “Um dia/já sobrarão por demais as lendas/e tu hás-de pedir-me uma estória verdadeira”. Neste momento, importa-me menos acompanhar o desenvolvimento do poema do que assinalar a ocorrência deste “tu” como um “outro” que *insta* o poeta.

[2] Cf. «Evangelho segundo João». «Bíblia». Volume I: Novo Testamento. Os Quatro Evangelhos. Tradução do grego, apresentação e notas de Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2016, p. 319-320. A leitura da anotação correspondente a este passo permite situar melhor o alcance do gesto do poeta.

Esta ocorrência é a abertura de um campo relacional cujas particularidades é preciso referir.

Já vimos que a “cidade”, o “lugar” e a “viagem”, a que poderíamos acrescentar a “casa”, são coordenadas estruturantes do universo poético de António Monginho. Procurei sugerir, no entanto, a importância da imanência à geografia de uma outra dimensão que completamente a transfigura. As cidades, os locais são objeto de uma transfiguração: também nesta poesia ^[3], o *lugar* é o espaço empírico transfigurado.

Ora, o princípio ativo dessa realidade imanente, isto é: a capacidade transfiguradora da dimensão onto-antropológica resulta da relação ao Tu.

Uma cartografia do Tu registará, num primeiro momento, uma multiplicidade, como se esses Tu fossem vários. Há o Tu-mãe: “Depois da tua morte/ explodi em todas as sombras//Vou com o mundo, mãe,/vou com o mundo//Vou só//Como toda a gente”. Há o Tu-futuro. Há o Tu-mulher amada. Sem dúvida.

[3] António Monginho está bem acompanhado neste particular: Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, António Salvado são, entre outros, magníficos exemplos de poéticas da *densidade do lugar*.

Mas, como se fosse princípio ordenador, há um Tu que todos conjuga ou *centraliza*^[4] como ponto fixo que atraísse ao mesmo tempo que disseminasse. Tu designa a possibilidade de transfiguração do espaço e do tempo no desejo (“sou só sombra e desejo”), na idealidade, na utopia, na paixão visadas pelo poeta a partir do desassossego e da escassez. No tempo e no espaço, a profundidade abismal do Tu abre um espaço sem fecho. Tu é o visado absoluto e é, ao mesmo tempo, a mediação de uma ilimitação.

É o modo como o Tu desencadeia e mantém aberta uma *distância* no espaço e no tempo que torna política, e simultaneamente (quase) prosaica e simultaneamente (quase) metafísica, a poesia de António Monginho.

[4] Trago a debate o contributo de Óscar Lopes: “Dantes o espaço não tinha um centro. Ganhou-o agora: um olhar, um remoinho de coisas inapreensíveis a que chamo tu” («Um bater-nos o coração do mundo no coração. Carta-ensaio de amor». Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 2018, p. 11. Jorge de Sena foi sensível à *distância*: “De mim a ti, de ti a mim,/quem de tão longe alguma vez regressa?”.

Não é certo que estejamos a falar de Tu’s homólogos. Mas contribuem todos para estabelecer uma ontologia do Tu.

É nessa distância que Tu se faz esperar: “Antes que tu aconteças [^[5]] passarão mil anos/e os dias vão ficando desesperantes./Esperar por ti é uma dura ciência. A/vida traz e leva mil recados. E eu/ ainda não te conheço”.

Mas não é, digamos assim, a espera da esperança. É a espera própria de quem *sabe* – porque colocado numa outra dimensão do espaço e do tempo pelo poder desse Tu:

Um dia virás com ocio dos
astros. Com um bando de
aves tu virás

António Pedro Pita

[5] É indispensável sublinhar, neste contexto, a opção pelo verbo “acontecer”. Tu *não chega: acontece*.

POETA, NOME CIVIL
Prefácio da primeira edição

Poesia: desejo e refiguração do mundo? Movimento à espera de um percalço que só a palavra ilumina, desequilíbrio e vertigem, correcção e busca, fugacidade, pedra do infinito. E brado, apaziguamento, memória, destino. Acto, madeira do concreto. Quando corta as águas, quando agrega. No trajecto que aqui culmina, o autor viveu (não apenas aflorou) essa experiência primordial – no conflito, na densidade; inscrevê-la na matéria dos versos, não raro à mercê do ímpeto e da urgência, foi voz (isto é, texto) entre refúgios, transfiguração, partilha. Poeta é, assim, nome civil de António Monginho. Pela genuinidade do seu modo, tão feito de pulsões que se enlaçam e revigoram: inconformismo, dádiva e dúvida, interrogação. Ou pronunciamento, recusa. Um caminho solitário, rodeado de gente – tão nucleares o convívio e a evocação dos amigos, sublinhe-se –, sensações, incêndios que atraem ou ferem ou arrasam, num registo contrário a toda a nostalgia como chilreio, como pranto.

Nos poemas que vão seguir-se emerge, desde logo, uma linguagem – construída enquanto estética e comunicação, a partir de arquitraves nunca desconsideradas: certo pendor surrealizante (não foi em vão nem ocasional a frequência das tertúlias do “Gelo”); lirismo temperado pelo instinto e pelo gosto de andar no lado oculto, aquele que apaga a vulgaridade e o travo simplista; procura de mecanismos opostos à tibieza e à edulcoração. Nesta linha, há paisagens sócio-humanas e naturais que trazem em si marcas de água peculiares: o Alentejo de António Monginho, por exemplo, nas extensões do interior ou no litoral, à luz do trigo ou sob a acidez das atmosferas em meio operário, não se confunde com o da tradição que melhor conhecemos, de Florbela a Fialho e Manuel da Fonseca, de Antunes da Silva a Urbano Tavares Rodrigues e, entre mais, Rui de Carvalho, não obstante as convergências. Estamos diante de retábulos em que a própria passagem do tempo sobre a precariedade surge interpelada por um olhar metamórfico, um olhar às vezes em ferida ou ira: a par das notações de religação e despojamento, agrura solidária, identidade radical.

De alguma maneira, essa geografia oscilante enuncia o tópico da viagem, um dos mais intensos ao longo dos caminhos que *Das Sete Cidades* aglu-

tina e repropõe. Qual o sentido, que direcções no transe que é fronteira, exílio, perturbada chama da aventura? Eis aí o mapa do (im)possível: alquimia e concretude, alvoroço das comunidades, dos rios, dos sítios imemoriais – onde o que de fora vem convoca partidas de dentro, migrações, osmose ou atrito dos sonhos, cascatas em perda à hora de cingir o irrealizado; vem e se faz síntese (um dos resumos), dor e inocência que sobram, redimem. Reconstituem. Viagem, também, por avessos do quotidiano e da asfixia: até à imprecação, ao verbo que explode e estatui a liberdade para sempre, conclama, introduz o princípio da desordem cívica e subjectiva no normalismo que corrói. Viagem, por último, através do labirinto interior: traço cuja progressão se detecta em contextos de pudor e refinamento, sonegação e epítome a assinalar estações secretas do discurso.

E, segundo uma opção que se evidencia já nos escritos iniciais, o desfrute da limpidez formal e da coloquialidade. A arte maior de António Monginho pressupõe um *tu* a quem doar-se, com quem se funde e legitima – nos próprios instantes em que o *eu*, a instância dominante, se pronuncia com ênfase. É uma armadilha de pássaros, uma engrenagem de diálogo, advento e instigação do que for anuência, contraponto, nova do achamento. E,

conhecendo amplos instrumentos compositivos – da poética que molda a grande linguagem universal à popular – usa-a com parcimónia. Elegância, sageza. Daí, a título ilustrativo, metáforas que surpreendem e o pendor sentencioso dos jograis, oximoros e o enleio das repetições em função de coordenadas rítmicas, metonímias e aliterações que induzem o canto – ou dele emanam. Mas não a rima pobre, o fraseado de acaso, a lengalenga portátil, não o exercício na areia da convencionalidade, não o eco das mil leituras (bem percepção-áveis) que segregam colagens à revelia da inovação.

Por isso, na rede complexa de matizes e na riqueza temática, esta antologia – que se efectuou sob a égide do afecto e da exigência – homenageia e recoloca o poeta, tão discreto como impreterível, no lugar de mérito e relevância que lhe pertence. O facto de ocorrer na quadra em que se celebra o seu octogésimo aniversário constitui uma circunstância feliz que fica a dever-se às instituições e pessoas que a tornaram obra realizada e, permito-me crer, não delapidável.

José Manuel Mendes

2006.07.01

D A S S E T E C I D A D E S

DAS SETE CIDADES

Das sete cidades
deposto e ausente
no ostracismo
me reconheço

Não forço nada
nada imploro,
nem deploro
– permaneço

Os símbolos tristes passeiam
o exílio incomoda
circula nas veias o sangue
constrangido

tudo é precário
porque transitório

a alegria é a música que não esqueço

PRIMEIRA CIDADE

Estas muralhas me conhecem
nestas ruas me perdi
se algo de mim permanece
quem sou? Quem fui eu aqui?

Estas casas construídas
com suor de meus avós
estas pedras corroídas
pejadas de areia e pó
são os destroços do sonho
são os remorsos de mim

Se só me lembro dos ossos
quem sou? Que faço eu aqui?

SEGUNDA CIDADE

Os estigmas nascem
nos braços. Galopam
até às covas na corcova
dos corvos

Dedos. São dedos lunares
os garfos pendentes

Funga no vento a
asa. Leveda no ventre
uma velocidade
descontrolada. Marulho
ensandecido

Asas. Precariedade no
asfalto. Ziguezagues

Todas as Pátrias são
exílios de poetas

NUNCA O SOSSEGO

Afinal não custa nada.

Desliza-se pelos minutos e pronto.

Há sempre um minuto extra no relógio, sessenta segundos, quarenta e cinco, tantos segundos extra no relógio.

Olho para os ponteiros e sei que voltarão a rodar, saltarão de risquinho para risquinho, um salto, outro salto.

No escuro ainda é mais fácil. O tempo, como a luz, suspenso numa vaga ideia. O som reproduz-se variamente, tudo se pode esperar do som. Riso no lado oposto da casa, o comboio a passar, um copo a estilhaçar-se no chão. O pé a mover-se na cama, só para testar uma presença. Não como um pêndulo, não como um ponteiro, não como um baloiço. Como um instrumento de percussão arcaico.

A colher a mexer o iogurte, a voz mais perto.

Não ri, admoesta baixinho. Encoraja. Suplica.

A mão que segura a embalagem do iogurte (a outra segura a colher).

O movimento entre o que as mãos pedem e o que fazem.

A colher na boca.

O engolir. O respirar. Outro som será o próximo.

Quando não é – enquanto a espera se mantém – muda-se para a cabeça.

A cama, os móveis, a casa, as vozes, tudo se muda para a cabeça.

A cabeça engole o mundo todo e transforma-o, mastiga-o.

A festa do mundo em ebulação substitui o tempo.

A vida inteira a temer estes momentos e afinal tão fácil.

A almofada branca e fofa, sem uma mancha.

Viro a cara de um lado para o outro sem encontrar parede. Deixou de haver paredes. Obstáculos, coisas fechadas no vazio. Deixa de haver vazio. Começa uma música na garganta, quase cristalina, um sussurro agudo, uma dor. O fio ténue substitui a luz.

Outro som. Este que é meu, próprio de mim.

O que não fere, já não fere. O que não espera, o que não teme.

Não é alívio, isso não, não vos quero atrair. Não é a paz. Mas nunca quis a paz, nunca o sossego.

Na companhia deste som, deste fio entre a garganta e a cabeça, irei a qualquer lado. Não se pode parar o movimento. Não posso calar este fio.

O que se espreita, quando a terra nos cobre, é a irrelevância. A tontice da vida além do gesto inaugural. O gesto que escapa até ao verbo. Só isso não é vão.

O movimento imparável, o navio infinito. Só isso é sério. O resto, um festim monstruoso.

Vanitas vanitas. Ao pó hás-de voltar, sim, dia após dia, se quiseres viver em paz com os anjos da mentira. Olhem para eles, bailam sem norte, os anjos estropiados. Seguem o fogo de artifício, voam, uivam e morrem como eu. O mercado, o algoritmo, a estupidez, senhores, batei com a testa no chão.

Malabaristas da palavra, pois. Talento natural e fé no coração, músculo da sorte. Sai-lhes a palavra à medida do desprezo, do seu poder traidor. Em festim permanente, não precisam de rir.

Só os humilhados precisam do riso. Não precisam de intelijir. Só os humilhados precisam de intelijir.

Não precisam de sonhar. Só os humilhados precisam de sonhar.

Eles espalham as moedas pelo chão, como o milho para as galinhas. Os humilhados trucidam-se por elas. Com as unhas, com as armas que lhes enfiam nas mãos.

Toda a luta é esta, vejo-a daqui, deste buraco na Rua da Paz onde foram parar as migalhas dos meus ossos. A luta entre os que pensam e os que incham. Nada de fábulas, deixemos os animais em paz, eles merecem-na.

Não é a propriedade que é um roubo, não é a cupidez, o roubo. O crime só desce aos objectos quando as mãos os expõem. O roubo reside no músculo cardíaco.

Pobres artefactos. Deixem em paz os artefactos, nada os inquieta, não se enlevam na disputa.

Os territórios nunca se confundem. Na terra moram as coisas rasas, algures pairam os vencedores.

Onde fica o sonho, onde fica a arte, onde fica a justiça nesta tela gigante? Onde fica o amor? São meteoros sem lugar. Recordam o que aprenderam sobre a trajectória da luz? Lembram-se daquilo a que chamamos velocidade? Assim a distância desses atributos à tela desenrolada numa imagem sem tréguas. Nasceram muito antes ou nascerão

depois, agora não é tempo. Vejo-os chamas fugi-
dias, partículas errantes.

Aqui, misturado com as raízes, ainda não percebo
a crueldade. A saudade fica lá por cima, os vestí-
gios não. O castigo anda por lá, a verdade não.

Os meus amigos brindam com chávenas de vidro.
Eu vou atrás e parto a chávena.

Mesmo assim ergo um viva! Não sei a quê, mas
alguma coisa há-de imperecer aqui, onde as via-
gens se confundem.

Julieta Monginho

Índice

- 5 A poesia de António Monginho
ou
a dura ciência da espera
Prefácio de *António Pedro Pita*
- 21 Poeta, nome civil
José Manuel Mendes
- 27 Das Sete Cidades
- 28 Primeira Cidade
- 29 Segunda Cidade
- 30 Terceira Cidade
- 32 Quarta Cidade
- 33 Alentejo I
- 34 Alentejo II
- 35 Alentejo III
- 36 Alentejo IV
- 37 Alentejo V
- 38 Algarve I
- 39 Algarve II
- 40 Algarve III
- 41 *Aqui amo e pertenço*
- 42 *Às vezes penso que o mundo*
- 43 *Só na minha terra sou*
- 44 *Sobre as ondas violentadas*
- 45 *Conversas à mesa do café*
- 46 *Enfeitiçado pelo sol vou*
- 47 *Évora: ruas estreitas devassadas palmo a palmo*

- 48 *Saio de manhã*
50 *O mágico veio bater à minha porta*
51 *Ao alto a haste. Por*
52 *O vento*
53 *É triste o fossejo no efémero*
54 *Deixai passar a água pelos*
55 *Ergo do chão os lilases*
56 *Ergo um jogo infantil. Com pedras e*
57 *Nimbus ou estrelas? Velas*
58 *O melhor da água é o espelho*
59 *Atavio-me para a morte. Como*
60 *Do céu conheço pouco*
61 *Tormentosas*
62 *Apetece-me às vezes falar alto*
63 *Sou um homem de leituras. Eu amo as*
64 *A gritaria destes verbos*
65 *Ao princípio era o verbo*
66 *Altos rios inclinados:*
67 *Pedra*
68 *Lentamente vou somando*
69 *Forço a entrada no templo. Visito as*
70 *Como a natureza tenho horror ao vazio.*
71 *Parti com a Primavera*
72 *Sei coisas mas ignoro quase*
73 *Atenção às palavras*
74 *A vida tem-me sabido a tudo:*
75 *Chego do cansaço e do tédio. Encosto-me*
76 *O leão*
77 *Onde foste naufragar*
78 *Na viagem para cá vinha ajoujado*
79 *Um dia*
80 *Por dentro do espaço*

- 81 *Nem frutos nem flores. Apenas*
82 *Nem grandes nem pequenas*
83 *Fixo o limite das águas. Despeço-me*
84 *Se julgas que me mato*
85 *Há um lugar algures*
86 *Perdi a verdade. Quase*
87 *Como posso estar triste? A vida*
88 *Nunca me assumiria o selvagem*
89 *Ah! Esta consciência de chegar*
90 *Desconstrutor de barcos me*
91 *Irmão das aves sou. Mas de asas*
92 *Lagos, rios, horizontes*
93 *Sobre os campos perturbados*
94 *Nesta casa pétreia. Nenhuma janela*
95 *Perco o nome destas terras. Tudo se*
96 *Possesso de uma perfeita ira*
97 **AS PALAVRAS ANTROPÓFAGAS**
98 *Ai as matrizes*
99 *A América é a maior fábrica de fumo*
100 *Aquela que de tudo se*
101 *Os rapazes do meu tempo morreram*
103 *Quando te fores para o invisível do espaço*
104 *Estúpidos peixes*
105 *Vós que habitais no mundo as rosas*
106 *Dormem*
108 *Conhecer o branco. Aderir ao*
109 *Chega o Outono. O solo*
110 *Se à minha mesa vens*
111 *Depois da tua morte*
112 *Tu e eu*
113 *O mistério é o silêncio das estátuas*
114 *Hoje estou embriagado*

- 115 *No silêncio procuro-te. Toda*
116 *Não me ofereçam esta paz. Não quero*
117 *Disseste que tens um rio no coração*
118 *No fundo do tempo. No*
119 *Oferece-me*
120 *Luz intermitente*
121 *Não digas mais. Conserva a tranquilidade*
122 *Chegam barcos. Partem*
123 *Vou enviar uma mensagem à minha*
125 *Não falarei das sombras nem do*
126 *Invento a sombra de dois*
127 *Um ciclone de palavras invadiu a metrópole dos*
127 *[homens. No*
128 *Um dia virás com o cio dos*
- 131 Nunca o sossego
Julieta Monginho